

A PROVÍNCIA

Semanário

Informação ◊ Cultura ◊ Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 050 467
MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 050 236 — MONTIJO

Exmo. Sr. Manuel Giraldes da Silva RIO FRIO

AS CRISES FANTÁSTICAS

PARA trás do ano de 1706, não se depara o termo «crise», que se encontra no primeiro tomo da *Nova Floresta* do Padre Manuel Bernardes, o terso e mavioso prosador do século XVII.

Generalizado, o vocábulo tomou a significação de mo-

Por

JOSÉ ESTEVAM

mento ou conjectura grave, allitativa e perigosa ou a carência de qualquer coisa, de modo que as crises são constantes neste vestuto Globo, baldo de juízo por procuração da loucura colectiva.

Uma das crises denomina-se de habitações.

Quem jamais pisasse o chão lavado de ignorâncias de alguma academia pode, no entanto, contestar, refutar e contradizer a falta de moradias.

Nunca houve tanta agência de venda de prédios urbanos em Lisboa e até pelos botiquins e pelos passadiços do Rossio pululam os recoveiros de cortiços, o que prova que há casas a mais, pelo menos de 100 a milhares de contos, preço aliás mui acessível a quem os possua.

2 Passando-se a outras somenos crises, também se esconde nos refolhos da ilusão a da dramatologia, arte que, dando em droga, resultou seus amadores ficarem de noite em casa no conchego da família.

Ora, para que houvesse crise teatral seria mister demonstrar que não existem peças nem comediantes.

Portanto, o que faz morimundo o teatro e a filarmónica é o cinema de gorra com o jogo do esférico, esperando-se da televisão o golpe de misericórdia.

Ainda que por mercê do Estado-Providência se prantem no teatro lugares por macuta e meia, nem o povo acorrerá a espectáculos, interessantes aos pais e aos avós desta geração, que os têm como sensaborias dialogadas ou cantadas.

3 A batida crise em que se não acredita, tão inverosmil se afigura, vem a ser a do livro — balela pegada em que ninguém pega.

Se não se vendem livros de língua portuguesa, que se ocupam de prosopopeias didácticas ou históricas, isso provém do materialismo seco da época.

A História, a Literatura séria, a Filosofia e as Ciências correm por fora do programa das escolas. Esfalfando-se a rapaziada a estudar proposições arcaicas, para que repetir o aborrecimento além da portada dos liceus?

A versalhada de agora força os velhos a caírem de cores ante a salganhada da estética sonora; e as donzelas buscam o romance amoroso e patarata, a novela cinematográfica e a tragédia policial que regala a alma sonhadora.

E dois obstáculos contrariam o livro português: o livreiro cobra por cada livro que vende 30 por cento; e as duas bibliotecas públicas de Lisboa o põem à leitura logo que o recebem.

Não vem da falta de dinheiro a crise de livro, mas da negação do culto da beleza de outrora.

As pouquíssimas pessoas admiradoras do livro português pecam por tão invisíveis, que não obstam a que se escrevam obras sem proceura.

4 Berra-se contra a crise de inteligência, de sabedoria e de política. Não persistindo esses predicados, supõem-se que não esfervilhem intelectuais, sábios e políticos, o que está longe da verdade, pois todos eles anseiam em devassar a Lua, no fito de a Humanidade se tornar mais lúcida e menos encarapinhada.

A abundância de cientistas, de políticos e de inteligentes lunáticos procede de o Mundo ser governado por moços que entram na vida a exigir a mama das consolações interiores, nesta quadra de inumeráveis vitaminas.

Não se conheciam antigamente facções partidárias tão-pouco a esquerda e a direita, que afinal esticam o centro do bando a ponto de o levar de roldão à barafunda política e económica.

Os monarcas escolhiam para a governança vassallos maduros, sísdos e aversos aos europeis da jactância; e hoje agarram-se os adolescentes, não se curando se conspurcam as fraldas da ponderação e da sabedoria.

De sorte que percebe-se, sem a categoria de profeta, que este misérrimo Planeta, dirigido por políticos, há-de dar tamanho estoiro como deu a Carriça abarrotada de importância.

Será a derradeira Crise do Nada.

Foi promovido a MARECHAL o General CRAVEIRO LOPES



O Conselho de Ministros, por proposta dos Conselhos Superiores do Exército e da Aeronáutica e com o parecer favorável do Supremo Tribunal Militar, promoveu à dias a Marechal da Força Aérea o sr. General Francisco Higinio Craveiro Lopes, antigo Presidente da República.

Essa homenagem, que o País recebeu com viva satisfação, consagra os altos méritos do ilustre militar, que revelou sempre em toda a sua carreira virtudes excepcionais e no desempenho das altas responsabilidades da suprema magistratura da Nação a honrou com a maior dignidade.

A população de Moçambique manifestou o desejo de oferecer o bastão ao novo Marechal, como tributo da sua maior admiração.

Almirante Américo Tomás

Fez anos na quarta feira da semana finda, dia 19 do corrente, o sr. Almirante Américo de Deus Rodrigues Tomás, prestigioso Presidente da República Portuguesa e figura ilustre da nossa Armada, cujas provas foram brilhantemente demonstradas no exercício das suas atribuições de Ministro da Marinha.

Pela solenização desse facto que encheu de júbilo o coração de todos os Portugueses, «A Província» apresenta a Sua Ex.^a as suas respeitadas homenagens.

Uma acção de altruis

Dão-se factos na vida terrena, que por serem insólitos são assinaláveis e merecedores de digno destaque, tal como se deu há pouco e nos merece o maior crédito.

Uma pessoa de condição social modesta, — uma enfermeira —, foi bafejada pela lotaria obtendo um prémio valioso, o que decerto a poria a coberto de dificuldades futuras. Porém a magnitude dos seus sentimentos diamantinos, qual crisol de virtudes, levou-a a lembrar-se doutras colegas — talvez umas sete! — em inferiores condições económicas, a quem contemplou em cerca de onze mil escudos, a cada uma delas.

Gesto tão lindo que personifica um carácter lidimo, merece ser trazido a publico, embora se envolva ainda no anonimato, — porque a recompensa lhe será dada por Deus. Que bem haja, na sua obra altruista de bem fazer!

Altruismo duma alma de mulher

Para Maria Cecilia Santos Fernandes

... Como Poeta, não podia deixar de sentir o que me contou...

*Que Deus ampare e proteja
As almas cuja bondade,
É um cántico que viceja
No altar da cristandade.*

*Fazer bem por sentimento
Por dotes do coração,
É ver a todo o momento
No semelhante um irmão.*

*Sem ambições desmedidas
Nenhum mal querer a ninguém,
Neste rosário de vidas
Inda hoje existe Alguém.*

*Alma com tal altruisimo
De uma tão rara atitude,
Que libela o egoismo
Para exaltar a virtude.*

*A Sorte bateu-lhe um dia
Ao portal da sua vida...
E Ela disse o que sentia
A's colegas, comovida!*

*«Se a Sorte Grande sair
No que acabo de comprar,
E' p'ra Você!...» Repartir?...
Mas quem há-de acreditar!...*

*E a Sorte Grande saiu
E milhares de escudos deu,
Pois em partes repartiu
O dinheiro que era seu.*

*Tão equitativamente
Com sua parte ficou,
Que esse facto realmente,
Sua alma nobilitou.*

*Quem procede assim na Vida
Com tanta abnegação,
Não deve ser esquecida
P'lo seu Espírito de Eleição!...*

*Nobresa de alma tão grande...
Duma acção tão invulgar...
Que da Terra ao Céu se expande
Para Deus recompensar.*

6 de Novembro de 1958

Manuel Giraldes da Silva

Dr. Bento do Amaral

Novo Presidente da F. N. A. T.

Tomou posse na pretérita terça-feira, dia 18, na sede da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, das funções de seu novo Presidente, o sr. Bento Parreira do Amaral, que até há pouco desempenhava o cargo de Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, em Setúbal, acto esse a que presidiu o sr. Dr. Veiga de Macedo, Ministro das Corporações e foi bastante concorrido.

O novo presidente que já anteriormente ocupara as funções de vice-presidente da Federação das Caixas de Previdência, bem como de subdelegado do I. N. T. P. em Faro e Aveiro, e de delegado em Ponta Delgada,

Évora, Beja e desde há anos, em Setúbal, que desempenhou com muita proficiência, em especial nas oportunas e satisfatórias providências para a resolução dos mais importantes problemas sociais, nos vários centros industriais ou rurais do nosso distrito.

Por motivo do sr. Dr. Bento do Amaral deixar o lugar de delegado do I. N. T. P., em Setúbal, realizou-se no último domingo, 23, por iniciativa duma comissão que teve como presidente de honra, o Sr. Dr. Miguel Bastos, e da qual faziam parte os srs. presidentes da Câmara Municipal e da Comissão Distrital da U. N.,

(Continua na página 2)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Bulhão Pato, 14 - 1.
Telef. 030245 — MONTIJO

Consultas em Sarilhos Grandes
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 030256 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.^{as} e 6.^{as} feiras
R. Bulhão Pato, 14 - 1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Dr. Santos Marcelo

Doenças nervosas e mentais

Consultas e tratamentos — primeiros e terceiros sábados de cada mês, pelas 12 horas, no consultório do Ex.^{mo} Sr. Dr. Ferreira da Trindade — Rua Bulhão Pato, 42 — Telef. 030131 - MONTIJO.

Dr. Elísio Morgado

Médico-Especialista

Doenças dos olhos

Consultas às 5.^{as} feiras,
pelas 14 horas
Rua Bulhão Pato, 14 - 1.º
MONTIJO

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva Mendonça

Av. Luís de Camões - MONTIJO
Telef. 030502 - 030465 - 030012

Parteiras

Augusta Marques Charneira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
R. José Joaquim Marques — N.º 231
Telef. 030556
MONTIJO

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR
Ex-estagiária das Maternidades de
Paris e de Strasbourg.
De dia - R. Almirante Reis, 72
Telef. 030038
De noite - R. Machado Santos, 28
MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030046
Serviços Médico Sociais, 030198
Bombeiros, 030048
Taxis, 030025 e 030479
Ponte dos Vapores, 030425
Polícia, 030144

Telefone 030376

Para Boas Fotografias
procure a

FOTO MONTIJENSE

Av. João de Deus, 71

(à Praça 1.º de Maio)

MONTIJO

MONTIJO

A ELEIÇÃO DOS PAPAS

Da disciplina à actual legislação

Notas coligidas pelo Prof. José Manuel Landeiro

(Continuação do núm. anterior)

V — A forma da eleição

Ensaaiemos uma exposição suficientemente precisa da forma da eleição e do escrutínio.

O dia seguinte da entrada em Conclave, ou seja, o primeiro dia útil dele, começa pela Missa, celebrada pelo Decano ou pelo mais antigo, à qual comungam os Cardiais que não preferiram celebrar na sua célula em «Crocea» (ou seja revestidos de um manto de lá violeta, em forma de capa com cauda). Segue o cântico do *Veni Creator* e a oração final. E começa a eleição. Admitem-se três processos desta: a quase-inspiração, o compromisso e o escrutínio.

O primeiro processo consiste em que todos os Cardiais, como que sob o influxo do Espírito Santo, proclamem um deles Soberano Pontífice. Este processo não é admitido, porém senão em Conclave e depois que ele esteja cerrado. Requisitos essenciais: nenhuma combinação ou discussão prévia. A proposta feita por um dos Cardiais é aceite sem nenhuma discrepância, oralmente ou por escrito, por todos. Entre os casos, averiguados de certeza, desta forma de eleição, está a de Gregório VII.

Segundo processo: o compromisso. Reveste a modalidade de os Cardiais conferirem a alguns deles a escolha em nome de todos. É absolutamente necessário que todos os Cardiais conclaveiros, sem excepção nenhuma, confirmem a três, cinco ou sete de entre eles esse poder, por exemplo sob a seguinte fórmula: «Nós, Cardiais presentes no Conclave (cada um designado pelo nome e título) escolhemos por unanimidade, e de pleno acordo para procederem à eleição à maneira de compromisso, os Cardiais tais e tais (nomes e títulos de cada) aos quais damos a plena faculdade e poder de darem à Igreja Romana um Pastor».

Dado o compromisso, os compromissários reúnem-se à parte e em local cerrado e dão por escrito o seu voto; feita a eleição e promulgada ela pelo Conclave em pleno, o eleito é canonicamente criado novo Papa.

Este processo foi adoptado para as eleições de Gregório X, Clemente V e no Conclave que se seguiu à morte de Pio VI.

Terceiro processo da eleição: o escrutínio. É o voto normal e que quase sempre tem sido seguido. A ele diz particularmente respeito a disposição de Pio X de que o eleito tem de reunir pelo menos dois terços dos votos, não compreendido o seu próprio. Pio X acrescentou que, sendo neste caso eleito um conclaveiro só poderá ser Cardinal. (1)

Antes do escrutínio há a preparação dos boletins de voto, o sorteio dos escrutinadores, ou seja dos «enfermeiros encarregados de recolher os votos dos doentes», dos verificadores, a escrita ou preenchimento dos boletins, o acto de os conhecer e a sua firma. Em cada boletim: ao cimo, o nome do Cardinal; ao meio a fórmula: «Escolho para Soberano Pontífice o Monsenhor e Reverendíssimo Cardinal N...». Em baixo, dois sinais ou divisas. O verso do boletim deve conter *nomen e signa*.

O boletim é dobrado e selado de maneira que o escrutinador, à primeira inspecção, só lê o nome da pessoa escolhida como Papa. Deve notar-se que, para maior sigilo da votação, o Mestre de cerimónias do Conclave e o Secretário saíam do recinto da votação antes de os Cardiais escreverem os seus boletins. O último dos

Cardiais Diáconos fecha a porta por dentro.

Os boletins são selados com cera vermelha sobre a qual cada Cardinal opõe um sinete que não é de suas armas.

Cada eleitor leva então o seu boletim, dobrado e selado como dissemos, ao altar junto do qual estão os escrutinadores, e sobre o qual está um grande cálice coberto com sua patena, destinado a receber os boletins.

Depois da sua oração de joelhos, no supedâneo do altar, o Cardinal votante pronuncia em voz alta e inteligível a fórmula do juramento seguinte, que está escrita num cartão que lhe entregam: «Tomo como testemunha a Cristo Senhor, que me julgará, de que elejo aquele que, segundo Deus, creio dever ser eleito». O Cardinal levanta-se, depõe o seu boletim sobre a patena e fá-lo entrar no cálice. Para os Cardiais que, por estarem doentes, não podem vir à sala do escrutínio (agora a Capela Sixtina) é nomeada uma comissão de três que vai à sua célula levar-lhes os boletins e depois recolhe-os.

Não pode senão admirar-se a série das precauções graves e minuciosas que a disciplina actual do Conclave prescreve com o fim de assegurar a seriedade e o segredo do voto. O autor da actual Constituição compreendeu que em matéria tão grave nenhum por menor era sem importância. Depostos no cálice todos os votos, um dos escrutinadores agita-os para os misturar. Depois outro escrutinador conta os boletins, lançando-os um por um noutra cálice. Se o seu número não é igual ao dos Cardiais, todos são

queimados e recomeça-se a operação do escrutínio.

No caso contrário este prossegue pela publicação dos nomes. Esta é feita pelo modo seguinte: os três escrutinadores sentam-se diante do altar. O primeiro toma o boletim, desdobra-o sem quebrar o selo, vê o nome do eleito e passa-o ao segundo, que faz o mesmo e o passa por sua vez ao terceiro. Este lê-o em voz alta e inteligível para que todos os Cardiais o ouçam e possam tomar as suas notas na folha impressa que têm na sua frente e da qual constam os nomes de todos. O terceiro escrutinador toma por igual nota do nome que leu e a operação continua até ao último boletim. Faz-se depois a soma dos votos obtidos pelos diversos Cardiais. Se for notado que um Cardinal tenha obtido os votos necessários para ficar eleito, passa-se a verificar se o seu voto incidiu no seu próprio nome. Se não incidiu, a sua eleição é declarada canónica.

Em todos os casos, após o escrutínio, os boletins são queimados na chaminé para o efeito existente na sala. Cá fora a multidão, na praça de S. Pedro, vê a *sfumata*, o fumo daquela combustão. Se o fumo é negro, resultante do facto de terem sido levemente molhados os boletins, é sinal de que o escrutínio não deu ainda a eleição. Quando a *sfumata* é branca, o escrutínio opera um resultado definitivo e o Papa está eleito.

Resta o assentimento do eleito, que pode não ser dado às votações dos seus colegas.

(Continua no próximo núm.)

LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

O Problema das crianças abandonadas

Desta vez, a substituir um dos seus artigos doutrinários, a Liga de Profilaxia, que, denodadamente e com persistência, se tem batido pela criação das escolas pré-primárias para crianças de 4 a 7 anos, de infantários, creches, ou estabelecimentos similares para crianças ainda de mais tenra idade, limita-se a reproduzir, sem comentários, a notícia que «O Comércio do Porto» publicou proveniente dum dos seus correspondentes da Província.

Em ARADA — Um suíno entrou numa casa e roeu o rosto duma criança de dez meses, QUE MORREU NO MEIO DO MAIOR SOFRIMENTO.

Arada, 11 (Novembro de 1958) — O trecho da estrada que partindo do lugar do Olho Marinho, desta localidade, atravessa a vizinha freguesia de Maceda, tem sido teatro, nos últimos dois anos, de vários e trágicos acontecimentos.

Assim, no passado dia 7, pelas 16 horas, foi colhido no lugar da Estrada, por uma camioneta, o menor Manuel Fernandes da Silva, de 7 anos, filho de José Maria da

Silva (o Catela) e de Alzira Fernandes, residentes em S. Geraldo, daquela freguesia.

O miúdo, que voltava da escola, andava a brincar na estrada, com alguns companheiros e foi apanhado pelo rodado trazeiro da camioneta, morrendo instantaneamente.

Ante-ontem, pelas 18 horas, o menor Zacarias de Sá Barreiros, de 11 anos, filho de Zacarias da Silva Barreiros, já falecido, e de Amélia Rodrigues, moradores no lugar de Casal, daquela mesma freguesia de Maceda, quando andava na recolha de confeitos, com os outros colegas, e no momento em que passava o cortejo de um casamento foi de encontro às trazeiras de um carro ligeiro que passava e que estacou, pelo que foi projectado ao solo de tal modo que fracturou o crânio.

Conduzido pelos Bombeiros Voluntários de Ovar ao Hospital da Misericórdia daquela Vila, sucumbiu aos ferimentos recebidos.

No dia 11 do corrente mais uma tragédia a completar a série. O menor Salvador Rodrigues da Silva, de dez meses, filho de José da Silva e de Maria Amélia Rodrigues Oliveira («a Amórosa»), do lugar de Carvalheira, enquanto seu pai trabalhava numa oficina de tanoaria próxima, e a mãe se entregava a trabalhos do campo, foi acometido por um suíno que se soltou da cerca e entrou pela sala dentro, indo dilacerá-lo no berço quando dormia, destruindo-lhe todo o rosto.

A desventurada criança morreu no meio do maior sofrimento.

«As crises fantásticas»

Honra-nos hoje em artigo de «Fundo» subordinado a este tema, o distinto publicista e antigo jornalista, sr. José Estevam, natural do vizinho e amigo concelho de Alcochete.

Jornalista de «garra» já afirmou valiosamente a sua individualidade em numerosos trabalhos doutrinários, e nestes últimos anos como publicista e investigador tem impressos alguns dos reverberos do seu talento fulgurante, e sob o aspecto regionalista, entre outros, podem citar-se «Anais de Alcochete», «Assuntos Ribatejanos», «A restauração da igreja matriz de Alcochete» e «O povo de Alcochete», como monografia local.

Ao nosso novo colaborador, — a quem saudamos, agradecemos a deferência com que nos distinguiu e apresentamos os nossos votos de dentro em breve e sempre o acolhermos em nossas colunas de imprensa.

Dr. Bento do Amaral

(Continuação da 1.ª página)

Subdelegado do I.N.T.P. e representantes de diversos organismos corporativos, um almoço de homenagem e despedida, no refeitório da Sécil (Outão), gentilmente cedido pela Empresa.

No momento em que sua ex.^a vai ocupar tão honroso cargo, «A Província» felicita-o e deseja-lhe as maiores venturas para prestígio de tão benfazeja obra de desenvolvimento cultural e físico dos trabalhadores, sob a égide da F.N.A.T.

S. Tomé e Príncipe

(Continuação da página 6)

de casas e glebas, o desenvolvimento do ensino, a melhoria das condições de sanidade em que se destaca a luta contra o paludismo, as obras de fomento, o aformoseamento das vilas e da cidade de S. Tomé, a construção do aeroporto Salazar e as obras portuárias da Baía de Ana Chaves, atestam os resultados positivos conseguidos pela acção do Estado no progresso de S. Tomé e Príncipe.

Anúncio

No dia 29 do corrente mês, pelas 10 horas, à porta da Secção de Finanças do concelho de Montijo, proceder-se-á à arrematação de 20 sacos de 100 kg. cada, de adubo «NITROPHOSKA», conforme edital publicado no Diário do Governo III série, n.º 264, de 11 deste mês. Montijo, 13 de Novembro de 1958. O Chefe da Secção de Finanças, a) Francisco Vitória Cabrita

Licenciada em Ciências Económicas e Financeiras

— Dá explicações em casa na Av. Luís de Camões, 9 - 3.ª - 1.º - MONTIJO.

AGENDA ELEGANTE

MONTIJO

AGENDA UTILITARIA

Aniversários

NOVEMBRO

— No dia 25, pertez 70 anos o nosso dedicado assinante e amigo sr. Francisco Luz Clara, exportador de cortiças, nesta vila.

— No dia 25, completou 70 anos o sr. Augusto dos Santos, pai do nosso prezado assinante, sr. Carlos dos Santos.

— No dia 28, a menina Maria Alice Martins Pinto da Veiga Marques, filha do nosso dedicado assinante, sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

— No dia 29, a menina Maria Valentina Relógio Santos, nete da nossa estimada assinante, sr.ª D. Líbia Cardeira Relógio.

— No dia 29, o menino Custódio Manuel Ramos Dias Iça, bisneto do nosso dedicado assinante, sr. Francisco Manhoso Iça.

— No dia 29, completa o seu 26.º aniversário a sr.ª Dr.ª D. Maria Cristina da Paz, sobrinha da nossa prezada assinante sr.ª D. Cristina Cheirada, residente em Vila Franca de Xira.

— No dia 30, a menina Carmen de Sousa Bárbara, filha do nosso estimado assinante, sr. José Francisco Gervásio Bárbara.

A todos os aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

Casamento

No dia 9 do corrente, realizou-se na Igreja do Santo Condestável, em Lisboa, o casamento da menina Maria Odete dos Anjos Monteiro, estremoza filha da sr.ª D. Olinda dos Anjos Monteiro e do sr. Anibal da Costa Monteiro, proprietário na capital, com o sr. António Américo da Costa Ribeiro, filho da sr.ª D. Maria da Costa Ribeiro e do sr. António Ribeiro, conceituado industrial e nosso estimado assinante, em Montijo.

Após a cerimónia religiosa, foi servido em casa dos pais da noiva um finíssimo copo d'água, que decorreu com grande satisfação dos nubentes seus pais e convidados, o qual se prolongou durante algumas horas, trocando-se afectuosos brindes.

«A Província» ao felicitar os noivos e seus pais, auspiciamos um risonho porvir por prolongados anos de venturas.

Campanha do BOLO DO NATAL

Prossegue com certo interesse a campanha do «Bolo do Natal» por iniciativa do nosso confrade «Diário Popular», em colaboração com «Margarina Chefe».

Para se tomarem determinadas decisões reuniu-se a comissão local no passado dia 21, no Edifício dos Paços do Concelho, sob a presidência do sr. Presidente da Câmara.

Entre outras resoluções, mais prementes, foi deliberado pedir a colaboração de várias senhoras, cujos nomes daremos no próximo número, e que terão como sua função a visita às casas montijenses pedindo a confecção do Bolo do Natal para os pobres da nossa terra.

É de aguardar, pois, um bom acolhimento.

Dia Jecista

Realiza-se no próximo domingo, 30, a oficialização da Secção da Juventude Escolar Católica Feminina (J.E.C.F.), de Montijo, com o seguinte programa: às 11 h., recepção ao Rev.º Sr. Bispo de Tâmega, às 11,30 h., Missa e Crisma para estudantes, e às 15 h., tarde recreativa no Cinema-Teatro Joaquim d'Almeida.

Com este acto, honra Sua Ex.ª Rev. m.ª Montijo com a sua distinta presença, pelo que a nossa terra lhe fica muito grata.

Soc. Filarmónica I.º de Dezembro

Integrado nas comemorações do seu 104.º aniversário, realizou esta nossa velha colectividade um espectáculo, na segunda-feira, 23, no Cinema-Teatro Joaquim de Almeida e que serviu ao mesmo tempo para a apresentação ao público de Montijo, da sua Banda, após o êxito em Kerkrade — Holanda, com a obtenção do 2.º Prémio no Concurso Mundial de Bandas Civis.

O espectáculo teve duas partes, absolutamente distintas e a expectativa do numeroso público que a este assistiu, não foi iludida.

Apresentou-se em primeiro lugar o agrupamento musical que, sob a regência do distinto maestro, sr. António Gonçalves, nos deliciou com os números anunciados: a encantadora marcha de Sebastião Ribeiro, «Floripes» e com as difíceis aberturas de Rossini e Rimsky Korsakow, respectivamente: «Guilherme Tell» e «Grande Páscua Russa».

Da forma brilhante como os executaram se apercebeu o público que aplaudiu com calor, forçando à execução dum número extra, executado também em Kerkrade, «As Danças Guerreiras do Príncipe Igor», de Borodine.

Esta parte terminou, pois, em autêntica apoteose para a centenária colectividade, que tantas honras tem arrecadado tornando-as, consequentemente, extensivas à nossa terra.

A segunda parte do programa foi preenchida com a actuação do «Grupo Artístico Montijense» em colaboração com a Orquestra «Eldorado», um e outra, sob a direcção artística de Humberto de Sousa.

Que dizer destes agrupamentos — cénico e musical? Que dizer do «Trio Montijense»?

Que agradaram, como sempre, plenamente, pelos seus números populares e excelentes, pelo encanto e simpatia das suas componentes, pelo apuro dos seus amadores, pela graça dos animadores-locutores, etc., etc., que nos apresentaram letras novas, quer em verso, quer em prosa, com diálogos pitorescos, músicas novas, onde se viram veias de José Joaquim Caria e Humberto de Sousa.

E lá voltámos a ver as encanta-

doras Natália Correia e Zulmira Santos, as simpáticas Mariana Pereira, Maria de Lourdes e Maria Helena Sampaio, a insinuante Teresinha e uma revelação no tablado, Maria de Fátima Mendonça, gentil filha do nosso confrade de imprensa, Rui de Mendonça.

Não faltaram as belas vozes de António Carlos, Moisés Soares, António Tavares e Arlindo Silva, a graça de José Luis Caria e Francisco Caxeirinha, e a boa animação de Luis Onofre e Nuno de Menezes.

Em extra, mas integrado no Grupo Artístico, ouvimos por gentil deferência, a voz encantadora do pequeno José Manuel (o Joselito português), que satisfaz pela graça das suas interpretações.

Então mais um serão cultural que se apresentou em Montijo e que foi mais um justo prémio e uma linda prenda de anos, para quem já possui a linda idade de 104 anos, prenda a que juntamos as nossas felicitações com o desejo duma continuidade para honra de Montijo.

J. E.

Novo correspondente em Alcochete

Deu-nos a honra de aceitar o cargo de correspondente de «A Província», na vizinha vila de Alcochete, o nosso amigo, sr. Armando Lopes Trindade, figura ali em destaque.

Desde já cumprimentamos aquele nosso novo colaborador, o qual virá decerto contribuir para um maior estreitamento dos laços de amizade que já hoje unem estes dois concelhos da margem ribeirinha ao Sul do Tejo.

Câmara Municipal de Montijo

EDITALHO

Parcelamento de Terrenos para Construção

JOSÉ DA SILVA LEITE, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE MONTIJO:

Faz público que esta Câmara em sua reunião de 18 do corrente, deliberou chamar a atenção de todos os interessados em construção urbana, para a conveniência de consultarem os Serviços Técnicos Municipais sobre a viabilidade das suas pretensões, não só com referência aos terrenos como ainda quanto às condições em que poderá vir a ser autorizada a construção.

Esta deliberação visa o fim de evitar que as pessoas interessadas na construção dos seus terrenos ou em terrenos a adquirir, venham a ser prejudicadas por tomar iniciativas que colidam com os condicionamentos estabelecidos no ante-plano de urbanização e respectivos regulamentos, bem como no Regulamento Geral de Edificações Urbanas.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Montijo, 22 de Novembro de 1958
O Presidente da Câmara
José da Silva Leite

Agradecimento

Colorina das Dores Lentes

Maria Catarina Palma Rosa, marido e filhos, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam a última morada, sua chorada mãe, sogra e avó.

Número especial de

«A Província»

Como de costume nos demais anos, «A Província» publicará pelo Natal um número de 12 ou 16 páginas, consoante a publicidade obtida, para solenizar essa quadra festiva, de modo a proporcionar aos seus leitores e anunciantes uma leitura mais agradável e proveitosa.

Lenbramos portanto aos nossos prezados anunciantes a vantagem de nos dirigirem com brevidade os originais dos seus anúncios, directamente ou por intermédio dos nossos agentes de publicidade, fazendo a designação dos respectivos formatos, em virtude da exiguidade do tempo, o que desde já muito agradecemos.

LUTUOSA

— Faleceu no pretérito sábado, dia 15, nesta vila, da qual era natural, a sr.ª D. Júlia da Assunção, de 82 anos, viuva, doméstica, mãe da sr.ª D. Irene da Silva, comerciante, e do sr. José Souseménio, operário da Mundet, bem como avó do nosso prezado assinante, sr. José Paulo da Silva Futre, todos de Montijo.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte, domingo, para o nosso cemitério municipal, tomando parte no préstito fúnebre pessoas de amizade de sua família.

A todos os seus e, em especial, a sua filha e neto, apresentamos o testemunho dos nossos pêsames.

— Faleceu na quinta-feira transacta, dia 20, em Estarreja, o sr. José Cactano de Castro, de 73 anos de idade, casado, natural daquela vila onde era residente, tesoureiro à data do seu falecimento, do Grémio da Lavoura do referido Concelho.

O extinto deixou viuva a sr.ª D. Rosa Marques Teixeira e era pai do nosso dedicado assinante, sr. Manuel Teixeira de Castro, proprietário da conceituada Salsicharia Castro, instalada no Mercado Central da nossa vila.

A toda a família do saudoso e activo falecido e em especial a seu estremo filho, apresentamos as nossas sentidas condolências.

Vende-se

— Rez-do-chão, com água e esgoto, na Rua Sacadura Cabral, em ALCOCHETE.

Tratar na mesma vila, com Jorge Sena.

Vende-se

— Uma propriedade com muitas árvores de fruta, terra de semeadura e vinha dentro da zona industrial. Trata-se nesta redacção.

Vende-se

TERRENO, para construções, a 15\$00 o m², na Lançada.
Trata na R. Sacadura Cabral, n.º 1 - Montijo.

Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.
Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

Trespasa-se

— ESTABELECIMENTO de Drogeria em bom local com boa clientela.
Nesta redacção se informa.

Terreno

— Compro para construir prédio 1.º andar, 4 inquilinos, nos arredores Parque de Montijo.
Enviar propostas com preços a esta redacção.

Farmácias de Serviço

- 5.ª feira, 27 — Moderna
- 6.ª feira, 28 — Higiene
- Sábado, 29 — Diogo
- Domingo, 30 — Giraldes
- 2.ª feira, 1 — Montepio
- 3.ª feira, 2 — Moderna
- 4.ª feira, 3 — Higiene

Boletim Religioso

Vida Católica

HORARIO DAS MISSAS

- 5.ª feira, 27 — às 8, 8,30, e 9 h.;
- 6.ª feira, 28 — às 8, 9, e 9,30 h.
- Sábado, 29 — às 8, 8,30, 9 e 19 h. — Velada Bíblia.
- Domingo, 30 — às 8 h. na Igreja da Misericórdia; às 10 h. (por intenção dos sócios falecidos da Soc. F. 1.º de Dezembro), às 11,30 e 18,30, na Igreja Paroquial; às 9 h. na Capela do Afonsoeiro e às 10 h. no Santuário da Atalaia.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Evangélica Presbiteriana do Salvador — Rua Santos Oliveira, 4 - Montijo.

Domingos — Escola dominical, às 10 horas, para crianças, jovens e adultos. Culto divino, às 11 e 21 h.

Quartas-feiras — Culto abreviado, com ensaio de cânticos religiosos, às 21 h.

Sextas-feiras — Reunião de Oração às 21 h.

No segundo domingo de cada mês, celebração da Ceia do Senhor, mais vulgarmente conhecida por Eucarística Sagrada Comunhão

Igreja Pentecostal, Rua Alexandre Herculano, 5-A - Montijo.

Domingos: — Escola Dominical, às 11,30 h.; Prêgação do Evangelho, às 21 h.

Quintas-feiras: — Prêgação do Evangelho, às 21 h.

«O Próximo Vindo de Jesus»

E' o tema sobre o qual falará o missionário, sr. Rogério Silva, no próximo domingo, às 20,30 h.

Espectáculos

CINEMA TEATRO

JOAQUIM DE ALMEIDA

Devido a motivos imprevistos e por não termos recebido até ao encerramento desta página o programa desta semana, somos a pedir desculpa à Ex.ª Empresa desta casa de espectáculos e aos leitores, desta falta involuntária.

«Rali Dedicção e Saudade»

Por falta de espaço reservamos para a próxima semana a publicação da local já composta, relativa a este Rali, da interessante prova efectuada no passado domingo, 23, entre Lisboa e Montijo.

PASSEIO GRANDE

DA CATEQUESE DE 1958

Como prémio da doutrinação cristã deste ano na paróquia de Montijo, efectua-se no próximo dia 1 de Dezembro, um interessante passeio ao Jardim Zoológico, em Lisboa, para crianças e pessoas adultas.

A partida de Montijo, terá lugar no barco das 8 horas, e o regresso será feito de Lisboa, às 18,45 horas.

Desde já se efectua as respectivas inscrições no Cartório Paroquial, nesta vila, nas horas de expediente.

Carta aberta a um Coruchense

Oiça amigo:

Fui um dos que acompanharam o Clube Desportivo de Montijo no passado dia 16, à sua terra e tive a desdita de ficar sentado na bancada logo à sua frente!

Pois bem, apesar do seu *ar fino, de óculos escuros e boné aos quadradinhos*, você é, além de ignorante, malcriado e incorrecto; de nada lhe serviu as lições dadas ao microfone da aparelhagem do campo; de nada lhe serviu as

admoestações dalguns dos seus amigos que o acompanhavam; nada o impediu sr. de *ar fino, de óculos escuros e boné aos quadradinhos*, de dizer barbaridades, obscenidades e más criações não respeitando as senhoras da sua terra e as senhoras forasteiras que ali se encontravam!

Assim não amigo, assim não se vê futebol e muito menos se usa *óculos escuros, boné aos quadradinhos e ar fino*.

Claro que, felizmente para si, e

infelizmente para a grei, não foi só V. o malcriado; houveram mais que o foram, sem respeito algum pela educação que devem a si próprios e aos outros!

Mas isso não impede que me dirija a si como *digno representante* duma pleiade de *meninos malcriados*, numa terra onde felizmente para ela, há tanta gente educada e boa que não vai para os campos de futebol insultar o próximo, não respeitar as senhoras, instigar os seus jogadores a praticarem selvagerias (felizmente que eles o não ouviram!) como o ouvi a si, sr. de *ar fino*!

Quem não é educado, quem não sabe ou não pode ter compostura, quem não sabe dominar os nervos, não está ao pé de senhoras e de gente educada mas sim... noutro lugar, com outros companheiros... ou isolado!

Dizia ainda, caro amigo, a par de muitas *enormidades e baboseiras*, que conhecia Montijo e já cá não vinha!

Ainda que a sua ausência só nos seja benéfica, pode vir sr. de *óculos escuros e boné aos quadradinhos* que ninguém lhe faz mal, e pode vir acompanhado com senhoras (o que nós não podemos fazer ao pé de si) que não se envergonhará de ouvir *palavrões* de fazer corar um polícia!

A não ser que também cá o amigo não tenha compostura porque então os processos serão outros... e nós estamos na nossa casa e não admitimos *nem valentias nem meninos mal educados* que venham fazer *birras*...

Creia-me amigo certo

José Estêvão

Grande Concurso de Prognósticos de Futebol

Continuamos hoje a publicar os cupões de prognósticos deste sensacional Concurso, que tanto sucesso está obtendo na época actual

Resultado do Concurso de Prognósticos

Cupão N.º 10, de 23-11-58 — Cupões entrados: 134, dos quais um foi desclassificado, por dúvidas no seu preenchimento. Válidos: 133 cupões.

VENCEDORES: — António José Lérias Pancada, Vila Correia; António Júlio Fernandes, Av. João de Deus, n.º 8; Joaquim Simões Gomes, Func.º da Cadeia Comarca; José Gomes da Costa Lopes Júnior, R. José Joaquim Marques, n.º 85; José Gonçalves, R. António Rodrigues Pimentel, 33; Rosendo Silva Samoreno, R. Miguel Bombarda, 66, todos de Montijo; José Carneiro Tavares Figueira, Vale Figueira, Alcochete; Luciano Manuel Faria, de Sesimbra; e Valdemar Pinto de Almeida, de Paivas, Amora-(Seixal), que acertaram em treze resultados, a quem compete a divisão do 2.º prémio, de Esc. 100\$00, a receber nesta redacção por compras, em estabelecimento à sua escolha.

Discriminação das classificações por concorrentes: 9 com 13 resultados certos; 38 com 12; 43 com 11; 22 com 10; 12 com 9; 7 com 8; 1 com 6; e 1 com 5. — Soma 133 cupões.

Observações

Comunica-se a todos os concorrentes que a partir do cupão n.º 11, de 30 do corrente, todos os cupões deverão dar entrada nesta redacção, até às 12 horas, dos dias da realização dos jogos, tanto para os concorrentes de Montijo como também para os restantes doutras localidades do país.

Campanha Pró-Clube Desportivo de Montijo

Dos 133 cupões válidos entradas, acertaram nos vaticínios relativos ao jogo Montijo-Oriental, pelo resultado favorável ao nosso Clube, 107 concorrentes, com 15 empates e 11 derrotas.

CORTE POR AQUI

Cupão N.º 12			
Concurso de Prognósticos de Futebol de «A Província»			
Domingo, 7-12-58			
2.ª Divisão (Zona Norte)		2.ª Divisão (Zona Sul)	
Vianense	Éspinho	Serpa	Juventude
Gil Vicente	Vila Real	Coruchense	Portimonen.
Boavista	Sanjoanense	Oriental	Olhanense
Oliveirense	Salgueiros	Farense	Estoril
Chaves	Portalegre	Arroios	Montijo
Tirsense	Marinhense	Sacavenense	Beja
Peniche	Leixões	Almada	Atlético
Campeonato Nacional da 1.ª Divisão			
Setúbal		Belenenses	

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 12

Enviar este cupão até às 12 horas de Domingo 7

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão

Montijo, 2 - Oriental, 1

Jogo disputado no Campo «Luís Almeida Fidalgo», desta vila.

As equipas alinharam do seguinte modo:

MONTIJO: — Redol; Mora e Barrigana; Veredas, Pinto e André; Barriga, Garroa, J. Rodrigues, José Paulo e Romeu.

ORIENTAL: — Soares; Servo e Morais I; Cordeiro, Luz e Ribeiro; Adolfo, José Luís, Piedade, Luciano e Pina.

Árbitro: — sr. Lourenço Simões, de Évora.

O Jogo Montijo-Oriental, realizado perante boa assistência, teve na primeira parte, o seu melhor período; sobretudo, da parte dos locais, efectuando estes bons esquemas de jogo, mórmente o seu compartimento avançado.

Esta vantagem montijense, mais se acentuou, quando Romeu passou para interior direito, aliás seu verdadeiro lugar; e notou-se, em absoluto, melhor ordenação de jogo na faixa central do terreno e consequentemente, mais perigo para a extrema defesa visitante.

Os orientalistas sempre que o esférico era jogado rente ao terreno, viam-se em sérios embaraços para evitar que as suas redes fossem violadas.

O Oriental, apesar de todas as suas cautelas defensivas, pouco podia fazer, em face da quase boa urdidura dos lances de ataque construídos pelos locais, que encontraram em José Paulo o bom concretizador.

Os orientalistas nos contra-ataques que gizaram, não chegaram a criar perigo, pois todos eram anulados eficientemente, pela defesa montijense.

O resultado de 2 a 0 com que se atingiu o intervalo, era sem dúvida merecido, pois premiava a equipa, mais objectiva, mais perigosa e vamos lá, a melhor, sem ser perfeita, tecnicamente.

Na segunda parte os visitados voltaram à sua formação inicial, com Romeu a extremo-esquerdo e no primeiro minuto podiam ter aumentado o activo, após bom trabalho deste jogador culminado com um bom passe a José Paulo

que se perdeu por deficiente remate final.

Nesta fase os locais, mórmente o avançado Rodrigues, perderam excelentes oportunidades de aumentar o seu activo e sossegar os seus adeptos, pois parece ser já norma na equipa não meter mais que dois golos e sofrer um, quando tudo parece fácil, torna-se difícil, sem que para tal se vislumbre motivo.

O Oriental conseguiu o ponto de honra, numa jogada, antecedida, de fora de jogo de dois dos seus jogadores prontamente assinalada pelo fiscal de linha, a que o sr. árbitro fez vista grossa, apesar das justíssimas reclamações dos locais, para que fosse consultado o seu auxiliar.

A equipa do C.D.M., teve como acentuamos, a sua melhor fase no primeiro tempo. Viram-se boas jogadas com bola rente ao solo, com algumas combinações de bom recorte, sempre no sentido progressivo em direcção à meta contrária, como manda as regras do bom futebol.

Distinguiram-se na equipa da casa, José Paulo que marcou dois bons golos, Romeu, Pinto, Barriga e André; Garroa melhor na primeira parte que na segunda e Rodrigues fez a pior partida desde que joga em Montijo. Veredas e os restantes dentro do habitual, com excepção para Barrigana que nos deu a ideia de jogador ora iniciado.

O Oriental mostrou-nos uma equipa com alguns jovens jogadores habilidosos, a par de outros já veteranos, o que não deve chegar para satisfazer as naturais aspirações dos seus adeptos; distinguiram-se: Soares, Ribeiro, Luciano autor do golo, Cordeiro e Luz.

O sr. Lourenço Simões, de Évora, que havia feito na primeira parte uma arbitragem menos má, depois do intervalo complicou tudo, que começou por escolher bolas e mais bolas, continuando pela validação do golo orientalista e acabou por apitar falta ao contrário e não respeitar a lei da vantagem, enfim deu-nos fraca amostra da sua categoria.

Com muito agrado registamos a excelente correcção das duas turmas.

Artur Lucas

Foto Cine filme

Trabalhos para amadores

Fotografias de arte

Aparelhos fotográficos

Reportagem fotográfica

Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

MONTIJO Basquetebol

O Montijo foi ao Seixal conquistar uma excelente vitória Seixal, 38 - Montijo, 62

Jogo disputado no Campo do Seixal F. Clube, a contar para o Campeonato Regional de Setúbal.

Alinharam e marcaram: SEIXAL — Santos (4), Belo (5), Carvalho (14), Rodrigues (12), Chagas (3), Filipe, Loja e J. Pescadilha.

MONTIJO — Américo, Adriano Lucas (2), José Maria (17), Tomás (30), Teodomiro (10), Ribeiradio (2), Heitor (1) e Mocho.

Árbitros — João Máximo e Hermínio Castro.

Após o desaire sofrido no jogo com o Barreirense, o Montijo foi conquistar ao Seixal, um excelente resultado, que nos deixa esperançados na classificação da equipa, para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.

O Montijo pôs em prática neste jogo com o Seixal, o seu rápido contra-ataque, que fora o fulcro de tantos êxitos da época passada e que nesta ainda não tinha sido posto em acção.

O resultado foi satisfatório, o que nos leva a aconselhar a continuação desta maneira de jogar, porque é a que melhor se adapta às características dos basquetebolistas montijenses, que não sendo de estatura muito elevada, são dotados duma extraordinária rapidez.

O jogo foi correctamente disputado, terminando a primeira parte com a equipa do Montijo a vencer a do Seixal por 32-21.

No segundo período os montijenses não confiando em demasia no resultado que usufruíam, continuaram a jogar em bom ritmo, defendendo o seu cesto com bastante acerto e estiveram os doze minutos iniciais sem sofrer qualquer ponto.

A partida terminou com o resultado favorável ao Montijo, de 62-38.

Tomás Pontes, restabelecido do acidente sofrido no jogo com o Barreirense, teve um regresso auspicioso, marcando 30 pontos.

A arbitragem dos srs. João Máximo e Hermínio de Castro, esteve em bom plano.

Hoje à noite, a equipa do Montijo desloca-se a Almada, para realizar o jogo que foi adiado conforme «A Província» tinha noticiado.

Domingo, estreando o seu novo campo, o Montijo recebe o forte conjunto da C. U. F., um dos mais sérios pretendentes para a classificação do Nacional da 1.ª Divisão.

Esperamos que os bons desportistas montijenses estejam presentes, para apoiarem a equipa representativa do Clube Desportivo de Montijo, que vem tendo um comportamento meritório neste campeonato e que bem merece a vossa presença.

José Rosa

Campeonato Dist. de Júniores Montijo, 3 - Vitória, 0

Sob a direcção de uma equipa de Arbitragem de Setúbal, as equipas alinharam:

MONTIJO: — Emídio; Rola e Valério; J. António, Gervásio e Artur; Coelho, Salgueiro, Cruzeiro, Neto e Gonçalves.

VITÓRIA: — Jorge; Valente e Nascimento; Bragadete, Victor e J. Luís; Pereira, Herculano, Teodoro, Cabrita e Santos.

Os locais com responsabilidades neste torneio, pois têm que defender o título de Campeões Distritais e agora sob a orientação do jovem treinador e nosso camarada de imprensa Amândio José de Carvalho, iniciaram a partida com a preocupação de rapidamente construir um resultado tranquilizador.

Mas, apesar de os seus esforços o primeiro tempo foi completado sem golos.

Na segunda parte e logo que os estreates da equipa ganharam confiança em si próprios, ordenaram melhor o jogo, mórmente o n.º 8, Salgueiro, os golos apareceram como prémio à melhor equipa presente em campo.

Distinguiram-se na turma montijense: Salgueiro, Coelho, Artur, Gervásio e Neto, estando os restantes bastante esforçados excepção feita a Cruzeiro, que nos pareceu descrente de si próprio.

Marcadores: Neto (2) e Artur do penalti a castigar por rasteira feita a Gonçalves.

OVitória apresentou uma equipa fraca onde todos se esforçaram por cumprir.

Arbitragem sem motivos para reparos.

Artur Lucas

“Este vale de lágrimas...”

Crónicas de ROMEYRA ALVES — N.º 6

Zacarias, inconformista e criterioso, tem sempre um comentário, mais ou menos azedo, para tudo quanto vê e que — como quase sempre sucede — está fora dos limites da sua aceitação.

Fomos com ele, há dias, à outra Banda, obedecendo a um convite que se transformou num magnífico almoço, que meteu vinho verde — Zacarias é rapaz obsequioso — e uma caldeirada que faria crescer água na boca à pessoa menos dada a tendências gastronómicas.

Foi já depois do almoço, quando saboreávamos um magnífico café, aromático e fumegante, comodamente instalados na varanda do restaurante, que o Zacarias nos fez a pergunta, — mirando, de relance, algumas senhoras que se encontravam nas mesas próximas:

— Olha lá: tu já reparaste na linha saco?

Na verdade, além de algumas imagens vistas em revistas e jornais, já temos visto, na rua, certas senhoras metidas nesses inconcebíveis *vestidos* pertencentes à geração da *linha saco*.

— É qual é a tua opinião? Tivemos um encolher de ombros, a iludir uma resposta concreta:

— Para te falar com franqueza, não gosto muito...

Zacarias quase deu um pulo na cadeira, o que o obrigou a entornar o café no pires:

— Não gostas muito? Que diabo de homem és tu?... Não gostas muito? Mas aquilo alguma vez foi para nós gostarmos?

Fez uma pausa, para logo continuar:

— Meu rapaz, essa «coisa» da linha «saco» é um atentado com características de homicídio voluntário e premeditado, aquilo a que, há tempos atrás, se costumava chamar bom-senso...

E, se não, repara: só o nome — linha saco — é o bastante para definir uma época e a mentalidade que a domina: isto é, temos de passar a considerar as mulheres — pelo menos aquelas que se deixam arrastar pela moda e pelo o que consideram como «o mais moderno» — como algumas arrobadas de batatas — depende, claro, do peso de cada uma — que se metessem, acamassem, num saco das ditas...

Zacarias voltou a interromper-se. Por momentos, dedicou-se a saborear o café que fumegava na chávena, para, depois, continuar:

— E, afinal, como já tive ocasião de dizer-te: tudo, em resumo, revela a decadência duma época a que, infelizmente, eu também pertença... As mulheres, a quem a Natureza, pela Mão de Deus, concedeu todos os encantos que podem tornar este triste vale de lágrimas um pouco mais susceptível de encarar-se, não passam, agora, de ridículos fantoches, enfiados numa coisa que nem tem definição... É claro que — e isso só vem confirmar a tal decadência mental a que me referi — que elas passam por nós, todas vaidosas, convencidas de que, obedecendo ao ritmo da moda, nos deixam de boca aberta e encantados... De boca aberta, isso creio que nos deixam, mas, sim, de espanto, de facto, pelo facto de as vermos, afinal, fazer figuras tristes...

Zacarias acendeu um cigarro. Tinha nos lábios um sorriso vago, um daqueles sorrisos que deviam arquear os lábios de Salomão, ao exercer a sua célebre justiça:

— É tudo por quê? Apenas porque a Lollo ou a Loren — qualquer delas é agora ditadora de modas — se prestaram a servir os

interesses publicitários — e monetários — de qualquer figurinista que, não tendo mais nada que fazer, se lembrou de inventar *aquilo*... É claro que, se eu disser isto a meia dúzia de senhoras daquelas que nós tão bem conhecemos, são capazes de cair em cima de mim, chamando-me cretino, atrasado mental e outras coisas que tais... Estás a ver, não é verdade? Elas, obcecadas pela moda, arrastadas pelo sentido do moderno e do «chic» — palavra muito em voga nos nossos tempos — nem por sombras se lembram de que, afinal, andam na rua para provocar o riso e a crítica das pessoas de bom senso...

Zacarias acabou de beber o café e pousou a chávena na mesinha que se encontrava ao lado:

— Eu não sou contra a moda... Mas o que eu acho é que todas as pessoas com cabeça, tronco e membros, admitem a moda, dentro do que ela tem de lógico e de aceitável... No fundo, meu velho, as modistas é que estão a ganhar, porque levam mais caro por confeccionar uma coisa que qualquer operário de sacaria era capaz de fazer... do que o que levariam por fazer um vestido complicado...

Nova pausa do Zacarias que aproveitámos para acender um cigarro. Depois, o nosso amigo continuou:

— Felizmente, que ainda encontramos na rua senhoras que, não tendo perdido o bom senso, nos aparecem vestidas com coisas que gostamos de ver... São poucas, talvez, mas são, pelo menos, o bastante para nos fazer convencer de que nem tudo está perdido... É vais ver que não ficamos por aqui... Já se lala na linha trapézio, na linha império,

Ecos de Setúbal

(Por RUI OLIVEIRA)

Ocorreu no passado dia 6 do corrente, o dia do Santo Condestável — D. Nuno Álvares Pereira, patrono do escutismo.

Em Setúbal, a Junta Local do Corpo Nacional de Escutas não elaborou qualquer programa festivo, tendo deixado passar despercebida tal data o que é para lamentar, o mesmo tendo acontecido nos restantes grupos deste movimento existentes na cidade.

Fez pena verificar-se tanta falta de bairrismo, mas o mal não tem remédio.

Não se compreende a razão do sucedido uma vez que a Junta Local do C. N. E. se encontra em pleno funcionamento.

Aguardamos com paciência o próximo ano esperançados na elaboração dum programa mesmo simples que ele seja, visto que é preciso não deixar morrer a tradição; mas lamentavelmente isto vai sucedendo ano após ano.

— No Sporting Clube da Vinha realizou-se no dia 22 do corrente, um espectáculo de variedades e fados dedicado aos sócios e suas famílias em que actuaram artistas do Teatro e da Rádio.

* * *

No Ginásio da Escola Industrial e Comercial de Setúbal, realizou-se no dia 23 do corrente, uma festa de homenagem ao seu director sr. Eng.º Armando de Medeiros promovida por uma comissão de professores, professoras,

e não sei em que outras designações inadmissíveis... Cá por mim estou em crer que, à medida que a moda vai evoluindo, vai recuando a mentalidade dos povos. E olha que já a mim mesmo fiz mais duma vez esta pergunta: a linha saco não terá sido inventada por qualquer industrial de mercearia?...

alunos e alunas na passagem do seu aniversário natalício.

* * *

Tomou, no passado dia 17 do corrente, posse do lugar de Juiz do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Setúbal o sr. Dr. Henrique Justino Rocha Ferreira, que assim abandonou as funções de Juiz do Tribunal do Trabalho desta cidade, cargo que vinha desempenhando há 12 anos.

A cerimónia estiveram presentes além de muitos amigos do empossado, advogados, funcionários do Tribunal do Trabalho e Tribunal Judicial desta cidade.

No decorrer desta usaram da palavra os srs. Drs. Cláudio Gama, Ajudante do Procurador da República nesta comarca, António Guerreiro da Ponte Lopes, em nome da advocacia da comarca, Preto Rebelo, Conservador do Registo Predial em Setúbal, e Carlos Patrício Paulo, Chefe da Secretaria do referido Tribunal.

Por último usou da palavra o empossado que agradeceu as palavras amáveis que lhe haviam sido dirigidas, bem como a comparência de todos os presentes que deram ao acto grande brilho.

Todos os oradores foram unânimes em afirmar a simpatia e estima que goza nesta cidade o sr. Dr. Rocha Ferreira, pelas suas belas qualidades de trabalho e justiça.

No final o sr. Dr. Rocha Ferreira foi muito cumprimentado e felicitado por todos os presentes tendo-lhe sido dirigidos votos de felicitações no seu novo cargo, aos quais também juntamos os deste jornal.

~~~~~

Leia, Assine e Divulgue:

«A PROVINCIA»

~~~~~

A estranha aventura de William Cooper

Conto por Maria Albertina Baeta

(Continuação do número anterior)

O ruído dum luxuoso automóvel que acabava de parar em frente da porta, fez Cooper erguer os olhos do jornal. Era, sem dúvida, um comprador.

O *chauffeur*, impertigado, impecável na farda azul marinho, saiu do seu lugar abriu a portinhola, perambulando-se em continência.

Do carro desceu um sujeito que se encaminhou para o estabelecimento: de estatura regular, magro, trigueiro, de olhos muito vivos, barba negra, cerrada, fazendo lembrar um egípcio ou um assírio.

O antiquário ergueu-se, solícito, para o atender.

O estranho cliente esboçou com a cabeça um ligeiro cumprimento; parou defronte das vitrinas para examinar os objectos expostos e seguidamente dirigiu-se para o nicho onde se encontrava a bela escultura. Fitando insistentemente Cooper, perguntou-lhe com voz suave mas firme, designando com um gesto a estatueta.

— Quanto custa?

— Não é para vender — disse o antiquário. Exponho-a como jóia artística, mas reservo-a para mim.

O homem pareceu contrariado.

— Pois se não a deseja vender... empreste-ma! Necessito absolutamente dela durante uma hora! E continuou a fitar Cooper que começava a

sentir certa perturbação, — uma espécie de domínio sobre a sua vontade que sentia fraquejar. No entanto, ainda articulou:

— É impossível; não desejo separar-me dela.

O outro não pareceu preocupar-se com a resposta, continuou a fixá-lo e ordenou-lhe:

— Cooper, você vai embrulhar a estatueta e entregá-la imediatamente ao *chauffeur*. Depois ficará aqui, sossegado, como se nada houve acontecido, aguardando que lhe venham restituir. Não é o valor dela que me tenta, nem não os objectos de arte o que mais me interessa neste momento.

Mas é que dentro desta estatueta, que em outras eras já foi adorada como deusa, guardam-se, há séculos, documentos importantes que muito podem interessar à moderna civilização... Vamos; entregue-a ao *chauffeur*, não há tempo a perder!

Cooper fez o que lhe ordenavam. Agia como um autómato, obedecendo a uma vontade forte que o dominava. Tirou a estatueta do nicho, embrulhou-a cuidadosamente, e foi depô-la nas almofadas do carro onde já se encontrava instalado o estranho cliente.

Quando passou junto do *chauffeur* pareceu-lhe ouvi-lo dizer em voz baixa: «Lembre-se que se a palavra é de prata, o silêncio é de ouro!» Parado na beira do passeio, viu o luxuoso carro pôr-se em andamento e desaparecer misturado com os outros que passavam.

Então quis gritar; chamar a polícia, contar o ocorrido; mas o seu cérebro repetia-lhe como se recebesse uma mensagem telepática: Silêncio! Silêncio! Silêncio!

Quando algum tempo depois o empregado regressou do almoço, encontrou Cooper sentado ainda no *maple* com o jornal sobre os joelhos e dormindo profundamente. A estatueta lá estava no seu lugar, a viver à luz frôuxa das lâmpadas eléctricas a sua existência, agora ainda mais estranha, de mistério e de sonho.

Terras de Portugal

GOA

POR
Minda Pires

«O exemplo de castidade, fez do homem um santo e a imortalidade do seu nome»

S. Francisco Xavier

Com gratidão e o maior respeito ao Ex.^{ma} Sr. Dr. BANHA DA SILVA, Dig.^{ma} Agente Geral do ULTRAMAR.

Terra de mistérios e de luz onde os cambiantes de beleza, oferecem melancolia e amor aos que com sagrado dever lhe chamam a «pátria-mãe».

O sangue dos teus heróis torna inesquecível o teu nome.

São intraduzíveis os teus mistérios cuja expressão espiritual me transpõe às margens do Mandovi e em cuja manhã a tua beleza é mais amada.

Como se a teus pés se rendam reais senhores, para te homenagear os teus encantos e as tuas civilizações antigas, tu és recordada também.

É deste vale distante onde o som das tuas fontes e a imponência das tuas montanhas, imaginariamente me acorda, que eu te canto e venho rendidamente oferecer-te a minha admiração.

Aqueles que em teu seio já gozaram de mercês e prazeres, descrevem-te como Rainha do Oriente, princesa de sonhos solitários e decorados de formas poéticas.

*Não tiveram meus olhos a ventura
De Goa, seus encantos contemplar,
Tudo o que em meu peito sinto agora
É todo o meu ardor para te amar.*

*Eu venho assim de alma agradecida.
Rogar a Deus te guarde em seu favor,
Em cada filho teu, te faça engrandecida
Como grande é — o querer-te meu.*

*Terra de mistério e de poesia
Onde os caprichos teus, são só bondade,
a implorar só paz e harmonia.*

*Goa, se mais te posso amar
Tu sejas para mim um novo dia
A minha vida, por Deus, te hei-de ofertar.*

Afonso de Albuquerque, ao pisar pela vez primeira, terra Goesa, oferecia ao mundo dos portugueses uma página de glória e de imortalidade histórica.

S. Francisco Xavier, cumpriu em toda a sua vida o mandamento de Cristo «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura» sem excepção de raça ou cor, Ele que foi santo, também se entregou para servir e amar.

ILHA DA MADEIRA

Quem percorra Portugal de Norte a Sul, dada a riqueza paisagística que se nos oferece, não pode facilmente esquecer a impressão de beleza que intensamente o domina.

Há a pureza do nosso céu; a grandeza dos horizontes lavados; a mata frondosa como a veiga fresca devotadamente trabalhada pelo homem.

Consoante as épocas, assim o interesse toma diferentes aspectos.

Para além da labuta do homem e da variedade dos cambiantes que as culturas oferecem à nossa contemplação, existe toda uma vivacidade ruidosa do povo nas suas festas e romarias, vindimas e desfolhadas e em tantos outros momentos em que se expressa a sua satisfação e contentamento.

Mas Portugal não é so-

mente o continente: mais além, em pleno mar, emerge das águas a Ilha da Madeira, essa jóia do Atlântico, lugar de repouso e vigiatura, que tanta beleza encerra.

Somadas às suas condições naturais, avultam hoje as que os governantes lhe têm dado, especialmente no que respeita ao Turismo e ao desenvolvimento de tudo o que a engrandece e aprimora. Nos seus bons hotéis, nas suas estradas e parques, nas suas piscinas, na Ribeira Fria, em Câmara de Lobos, no Ferreiro da Luta como na Camacha, etc. os turistas encontram conforto, amplidão e deslumbramento.

Todos os que buscam repouso e tranquilidade como os que demandam o mundo apenas pelo sentimento da curiosidade, ali encontra motivo de permanência e de bem estar. E é com saudades

que partem, impressionados pela beleza e curiosidades que se lhes oferecem. Ora se Portugal, tanto no Continente como nas Ilhas ou no Ultramar, tem motivos de tanta grandeza e desvanecimento, chega a parecer impossível que inúmeros portugueses demandem, em suas férias, o estrangeiro, olvidando o que é nosso e que, com tanta beleza nos pertence e se oferece ao deleite da nossa contemplação.

As belezas do mundo aceitam-se e não se negam. Mas seria curial que o português as demandasse depois de conhecer as que lhe pertencem, tão belas e ricas, todas eivadas do cunho lusitano, quantas vezes superiores às outras que procuramos e não são nossas...

Além do mais, tal atitude seria uma sábia lição de portuguesismo.

Guiné

A província da Guiné situada na Costa Ocidental de África, entre o Cabo Roxo e a Ponta de Cagete, é constituída por uma parte continental, por um conjunto de pequenas ilhas formadas pelos rios e por uma zona verdadeiramente insular, o Arquipélago de Bijagós.

Todo o território da Guiné é retalhado por cursos de água que se espraiam pelas planícies e de que resultam as rias abundantemente ramificadas, por entre colinas alongadas de pequena altitude. No entanto penetram ainda as suas fronteiras os últimos esbatimentos do Futa-Jalon.

O clima pouco privilegiado, de tipo tropical, com duas estações anuais — uma seca e outra de chuvas sofre a influência marítima, acentuada pela acção das águas fluviais.

Os solos são de tipo variado, encontrando-se na Guiné os mais ricos de África, mas também os pobres. Os primeiros são constituídos por aluviões trazidos do interior pelas chuvas e pelas vasas das zonas das rias.

O aproveitamento destes solos, beneficiados pelas pequenas obras de hidráulica fornecem a alimentação para a grande massa da população.

A vegetação é muito característica. Partindo do litoral para o interior encontramos palmares, mangais, lalas de água salgada e os pomares, uma zona de transição com floresta e no interior as savanas, onde se pratica a agricultura itinerante.

A fauna é de pouco interesse cinegético pois des-

pareceram os elefantes que abundavam outrora.

A localização na Guiné de várias estações neolíticas prova que o povoamento humano é muito antigo, mas torna-se difícil o estudo das diversas raças devido às numerosas invasões sofridas pela Guiné, ao mestiçamento e à deslocação dos povos.

A existência de tantos grupos humanos, balantas, mandingas, papéis, brames ou macanhas, bijagós, felupes, baiotes, sacolis, casangas, etc., etc., torna o conjunto humano da Guiné de grande interesse científico sob muitos aspectos — línguas faladas, religiões, vestuário e festas típicas.

A acção do Estado Novo

no desenvolvimento da Guiné iniciou-se pela criação de condições de vida que permitiram vencer as agruras do clima e a inospitalidade do ambiente.

O combate à doença e à miséria, a introdução de processos higiénicos da vida, o fomento da habitação, a construção de hospitais, postos médicos, e maternidades, a secagem dos pântanos, a construção de pontes e estradas, tornando fáceis as ligações do litoral com o interior, possibilitaram o desenvolvimento da riqueza e bem estar das populações.

Hoje, graças a um esforço fecundo e persistente do Governo da Nação a acção civilizadora de Portugal manifesta-se na Guiné, como em todas as outras províncias ultramarinas, encaminhando-a no sentido do progresso e do bem estar.

S. Tomé e Príncipe

A missão que o Infante D. Henrique a si próprio impôs de trazer ao conhecimento do mundo, novas terras e novas gentes, levou os navegadores portugueses da época de quinhentos à descoberta de toda a costa ocidental de África.

Essa descoberta ficou assinalada por marcos evocatórios da passagem dos mareantes portugueses ou pela ocupação efectiva de várias parcelas do território continental e insular africano.

Entre as terras, que uma vez descobertas, sempre fizeram parte da Nação portuguesa, contam-se as ilhas de S. Tomé e Príncipe, no Golfo da Guiné, duas das mais ricas e belas parcelas do Ultramar português. A pujança e a beleza da sua flora dão às ilhas encantos surpreendentes, a que se alia a graça e o recorte do relevo.

Povoadas as Ilhas com gentes oriundas de outras províncias ultramarinas, principalmente de Cabo Verde e de Angola, deu-se início ao desenvolvimento económico de S. Tomé e Príncipe com

a introdução da cana de açúcar levada da Ilha da Madeira pelos portugueses. Mais tarde as Ilhas muito haviam de valorizar-se com a exploração de outras fontes de riqueza.

Hoje, a economia de S. Tomé e Príncipe assenta as suas bases na exploração das oleaginosas, do café e do cacau — um dos melhores do mundo.

Se é certo que as possibilidades económicas das ilhas sempre favoreceram o seu desenvolvimento, muitos problemas se depararam ao Governo da Nação, que só a acção civilizadora (tradução das gentes de Portugal) permitiria ir resolvendo, de modo a encaminhar as populações nativas para uma vida melhor.

A protecção dos indígenas, quer pelo estabelecimento de contratos de trabalho, quer pela concessão de regalias e pela melhoria das próprias condições de trabalho, quer ainda pelo estabelecimento de aldeias e distribuição gratuita

(Continua na página 2)

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027